



cris lisboa



Engana-se quem pensa que o significado mais profundo das palavras neste livro esteja na tinta. A página se conta quase como som. E cheiro. E o gosto da rua. E o toque das luvas. E a cerveja logo ali. E segunda. Batendo perna. Gargalhando alto. Inventando nomes de drag. Derretendo satélites. Penso que Cris Lisbôa escolhe suas vogais e consoantes pra despistar o silêncio que existe entre uma palavra e outra. Ali sim, no inconsciente do Branco é que se dá toda sua voz. É onde o invisível inexplicável desabrocha inteiro no peito. É onde mora cada desejo, cada beijo que deu errado, cada gota de chuva na janela do taxi de madrugada, cada canção revelada no rádio. As parte negra da tinta vai te fazer sorrir, lembrar de si mesmo, do brilho do neon nos olhos de alguém. Vai até anotar no teu caderninho, que eu sei. Mas é o silêncio do Branco que vai te fazer ler este livro cento e onze vezes. Aquele mesmo que eu te disse, porque cada vez é diferente. Cada vez é mais profundo. O sorriso da Monalisa dessa água toda.

Ps: Leia em *voz alta*.

Filipe Catto



Escrevo o tempo todo. Mesmo enquanto tenho ataques de riso, danço em pontos de ônibus ou conto os dias pro carnaval. Estou a escrever. Sobre despedidas, corações e outros demônios. De vez em quando, pego os cadernos, as notas do celular, as anotações miúdas nas bordas dos livros e leio. Por motivos desconhecidos, mania de oráculo, toques & saques. Brinco de tarô, percebo que gosto de reza, falo com o invisível, estou sempre a ouvir alguma canção. Sigo.

Ai teve aquele dia, alguém me disse: teu texto é de pirata, tem sempre

cheiro de mar

Reli uns escritos muy soltos. É verdade. Escrevo pra amansar vendavais e me devolver a capaciade de sístole e diástole. No entanto, escrevo, sobretudo, pra escoar o mar que habita meu peito. E porque oceano é coisa que não cabe em lugar algum, precisei me alargar.

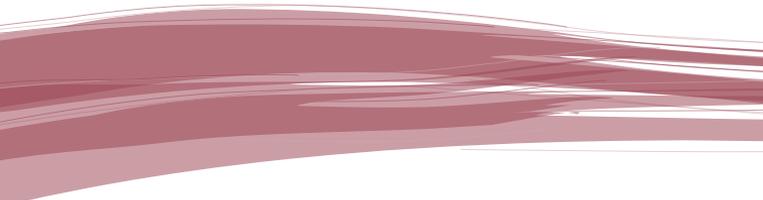
Assim, nasceu o livrito que tens em mãos. Sem pretensão alguma, completamente

livro
para ser impresso xerocado, enviado de presente com dedicatória, queimado em uma fogueira celta ou sujo com o resto de vinho tinto daquela garrafa de cima da mesinha de centro. São sobras, pedaços que compõe meu processo de criação em escrita, umas frases que voaram com o vento.

Em acompanhamento absurdamente luxuoso. Tapete vermelho estendido pelo muso Filipe Catto. Ilustração e design da absurda Silvia Strass. Vê a sorte que tenho. Porque é só a cidade baixa, a augusta, a praia do arpoador em manhã de chuva fininha, o fone de ouvido, dois ou mais silêncios, aquele show que ainda não fomos, saudade do que poderia ser, ruas vazias, vontades súbitas. E cada estrela que sem querer acendeste no meu peito, amor.

Vem ver.





Janus é o protetor das portas, senhor dos
começos e das passagens, dono daquele
espaço tempo sem nome, frente e verso,
começo e fim. Demasiadamente
humanos, atravessamos sem cuidado,
esquecendo que não há volta. “Yo no
buscaba nadie y te vi.” canta Fito Paez.
Um passo em frente e se abre uma
clareira. Nossos olhos passam a mirar
lonjuras. Seremos sempre quem teve
coragem de iniciar nosso ainda não
vivido. E todo porvir é bom.

Então, que no
hoje uma
porta bonita

se abra.

De algum jeito. Para todos nós.

“Mesmo, se tudo juntar por aí.
Em nós, o só há de sempre existir”
diz Luis Melodia dentro na vitrola.

Enquanto anoto outra canção naquele caderno
onde liberto os pássaros peixes que habitam

Meu peito.

E escrevo bilhetes pra ti não ler.
Ou não.



Transbordando.

Nos livros, no gozo, nas canções que tu não fez pra mim, nas letras eletrônicas que piscam sem dizer o que sentiram, na hora da sessão coruja, na manhã tão cheia de ontem, no desejo, de cafuné, nas cicatrizes do corpo, nos caminhos desenhados pelo tempo em meu rosto, no cansaço, no abraço, na filosofia, naquelas duas palavras imensas que não te disse.

ainda, amor.

Acredito em denigo.
Na absurda que mora na força.
Embraço, silêncio, sorvete de flocos,
interdependência,
respeito muito para as lágrimas ainda
mais para as risadas,
noite chuvosa, livro,
amiga, rolê bom, sexo,
amanhecer conversando sobre galáxias,
colocar em atos pequenos e
diários o que se acredita,
movimentar marés, não reforçar visões
limitantes de existência, inventar portas e
janelas em paredes, céu, o recado chamado
saudade, conexão, ponte,
laço de fita, todo não dito e

cada
palavra
que sai da tua

língua,

amor.

Tu acredita em quê?

Que algo bonito e forte aconteça e derrube as paredes que tu construiu em torno do coração.
Que tu possas dar um beijo de bom dia em uma criança sonolenta, com cheiro de moranguinho.
Que algum amigo teu tenha se mostrado um irmão.
Que todas as respostas cheguem. Doces.
Tu recebas aquelas boa notícia, as palavras fluam, a música te faça dançar de olhos fechados, o dia te encante, um pouco do sonho aconteça.
Que tu voltes a acreditar em unicórnios, esperança, naquela foto da Zélia Gattai olhando o Jorge Amado.
Que a gente aprenda a se curvar diante do inesperado amor. Que as emoções não sejam teorizadas, encaixotadas, colocadas em cofre. Que o pagamento caia no dia, tu compre um chicabom e tenhas alguém que possa receber aquele áudio em que tu divaga sobre a noção tempo-espaço.

Que te recordes:
afeto é cola para quebrados pedaços,
humor é afrodisíaco,

*afeto é
revolucionário*

E "no balanço das horas tudo pode mudar".
Pra melhor, amor.

Gosto de amor *fácil*.

Que saiba: percepção requer envolvimento,
juízo bom é pouco, assunto importa.

Prefiro amor aparente.

Em que feriados são inventados, atos falem
delícias, exista perfeito acolhimento de convites ao
silêncio. Quero amor sem ornatos. Com fomes
primitivas, espantos ofertados de vez em quando,
ventos deslinhador de certezas. Espero amor
visível. Capaz de transtornos em relógios, se
desperdiçar em fantasias, cair em precipícios,
domesticar vendavais.

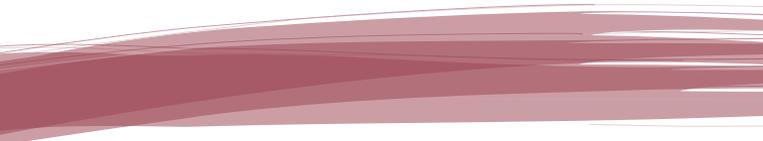
No entanto, terei o desconhecido, inesperado,
arreatador amor que é teu.

Sorte minha.

(Te permite: sentir. Muito.)

Como já dizia ou não Galileu da Galiléia,
só posso crer no que sinto.

Muito
Assim, embora tenha havido tanto desencontro,
silêncio, vazio, te percebo. Quando devaneio em
público, danço sozinha no escuro da sala, mato
dragões, aprendo a me desmanchar em zelos
pra - finalmente - cuidar dos meus suspiros.
Olho chover, desenhos palavras na janela, sorrio
quando acaba o disco. Escrevo na esperança que
tu leia. E volte aqui pra jogar meu
barco de papel na tempestade. Pois sem um
~~abismo de vez em quando,~~
graça alguma tem a vida, amor.



Use palavras para desenhar
borboletas no peito de alguém.



Tinha me esquecido. Tinha mesmo. Em algum lugar entre a escola, o livro, a cabeça da Clara Nunes que usei no carnaval, “os boleto”, o áudio de 5 minutos sobre as pessoas que enxergam música, o moço de olho azul tocando piano no meio do mato, um beijo, dois gins, aquela estrela cadente, a sala de espera onde se reúnem os encharcados de algum amor, que transformam fiapos de cacos de vidro em palavra. Por ali. Tinha. Me esquecido. Que tu aperta o olho quando está ouvindo com atenção, não gosta de foto do pôr do sol, sempre começa a sorrir com o canto esquerdo da boca, cansa de gente. Então, sem querer, sem aviso prévio, sem atenção alguma comecei a ouvir aquela Mina. “Bless my heart, bless my soul”. O tempo suspendeu.

todas aquelas borboletas
acordaram de uma vez só, veja que clichê, me perdoe pelo óbvio. A vida girou. Me vi de novo. Refletindo em ti. E precisei sentar na escada, amor. “Garçom troca o DVD que essa moda me faz sofrer e o coração não guenta.”



Que a vida dê uma piscadinha marota na tua direção, teu corpo seja envolvido por um abraço e ele diga "te quero muito, estou aqui, ouve, meu coração diz teu nome". que tu chame alguém pra provar manteiga de limão-bergamota e vocês possam rir de alguma coisa absurda e boba. que alguém te chame pra cozinhar bebendo vinho e tu receba um convite pra

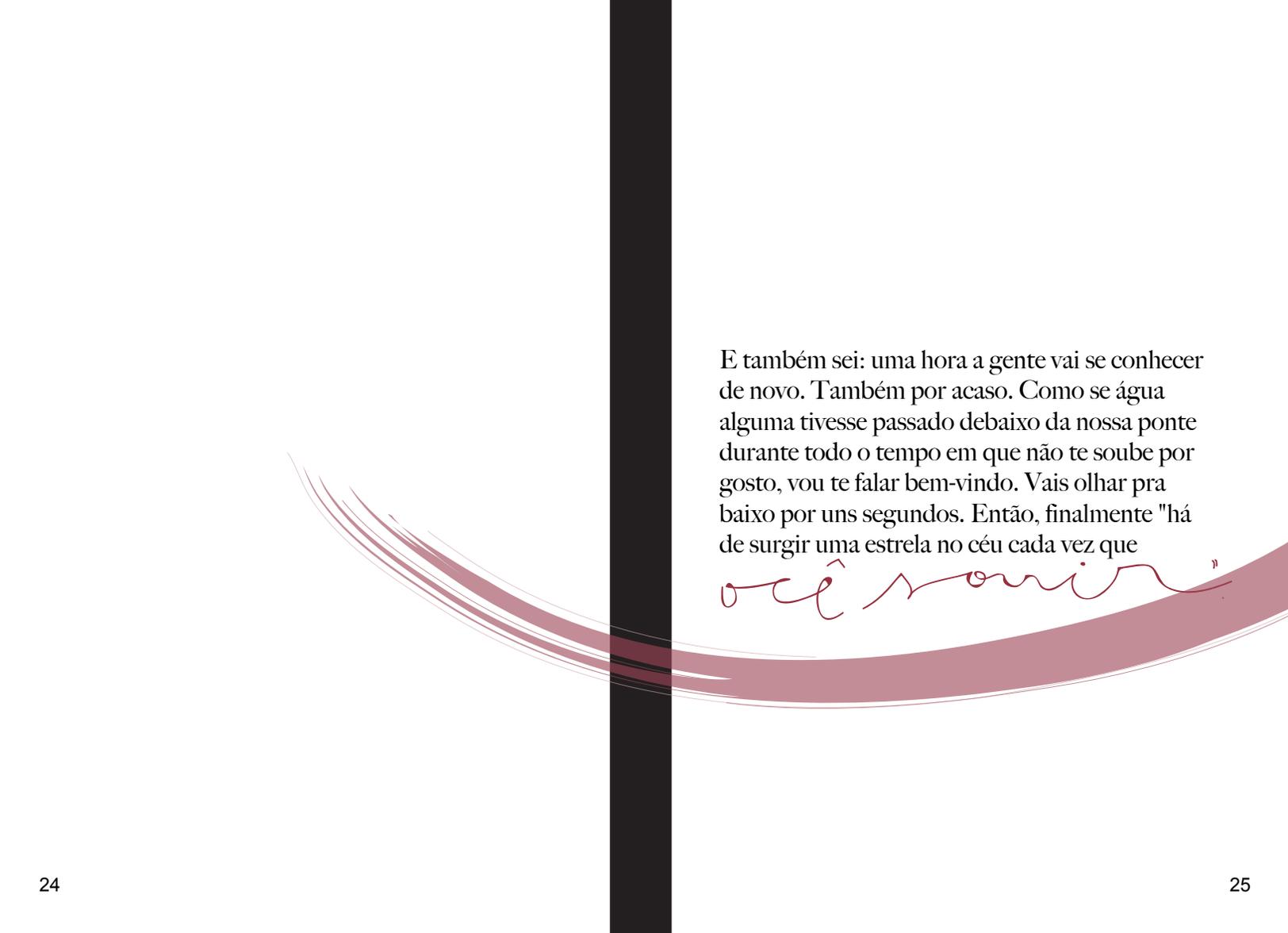
dancsar em casa

que te chamem para aquele trabalho foda, teu crush mande uma música bonita pra ti ouvir olhando a lua e que hoje, bem hoje, tu possas cantar baixinho e com verdade aquela canção do poeta bastos: você me dá sorte, meu amor.

Quando a gente vai
conversar sobre tipos de beijo?

E que toque - baixinho, baixinho - Alabama Shakes ou Frank Ocean. Que alguém cozinhe pra ti e tu possa lembrar daquele Caetano "mimar você", dê praia no Rio, faça frio em Essepê, alguém te convide para conversar sobre galáxias distantes, tipos de beijo, o sentido da vida, teus tombos de infância, o significado de casa. Que hoje, bem hoje, alguém dentro de ti

beja o mar,
amor.



E também sei: uma hora a gente vai se conhecer de novo. Também por acaso. Como se água alguma tivesse passado debaixo da nossa ponte durante todo o tempo em que não te soube por gosto, vou te falar bem-vindo. Vais olhar pra baixo por uns segundos. Então, finalmente "há de surgir uma estrela no céu cada vez que

o céu sorrir"

Veze em quando, mais quando amanhece nublado,
muito quando finge chover, sobretudo quando
avisto um farol vermelho, treino minha alma
para ser livre. E, mesmo assim,

decido voltar
a te querer. Só pra ver o que acontece, amor.

"O que lembro, tenho" disse Guimarães, o Rosa. Repito enquanto dobro a embalagem outrora usada para guardar palavras que evocaram ventos libres. Enquanto invento uma aula a partir da fala de bêbados, filósofos, poetas e outras fogos de artifício. Enquanto faz um quase frio e Rubel canta que "eu tô com uma vontade danada de te entregar todos os beijos que não te dei". Enquanto em silêncio reconstituo via mensagem de texto a nossa história para aprender seu significado. Como se fosse

possível, amor.

Vento ama voar
perfumado. Sabia?

Existe uma ligação secreta entre sonho e destino. A estrutura de ambos é feita de pedaços invisíveis do que fomos, somos, seremos, podendo conter beijos imaginários, vitórias não percebidas e pequenos pedaços soltos de solidudes necessárias para o processo de aprendizagem do que se é. Quando por acaso a sorte nos permite percorrer de uma vez só o caminho,

tudo irilha

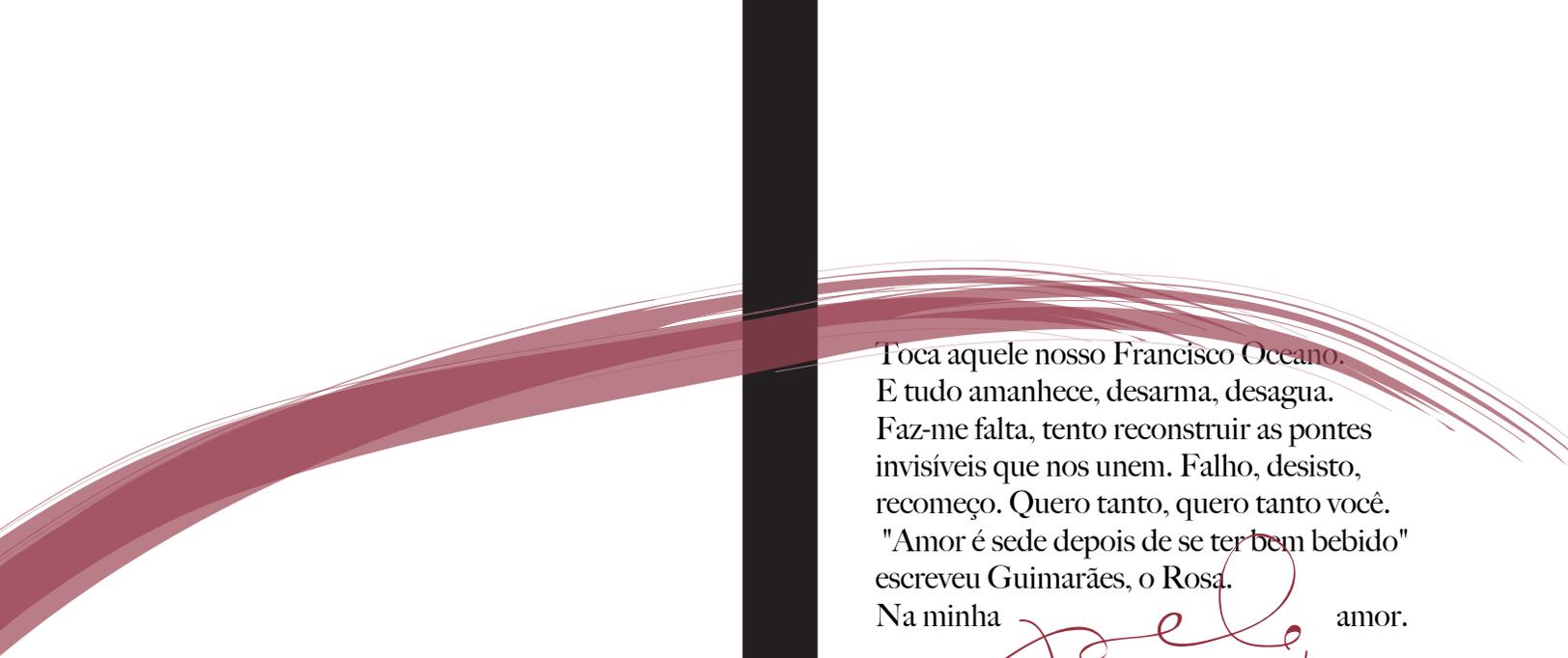
E o que se vê é retrato.
Um nude pro teu acervo, amor.

Pessoas são mundos.
Bordo devagar no estandarte da escola que
inventei pra libertar palavras.
Enquanto Tulipa Ruiz preenche os
vazios da sala e divago sobre o fato:
algumas gentes são galáxias.
Imensos aglomerados de estrelas, cuja poeira
impede uma visão totalitária e
as mantêm a uma distância segura.
Tem quem enxergue. Tem quem ame.
Tem quem sonhe voar por elas.
Tem quem escolha todas as alternativas
anteriores. Assim, desisto do bordado, desligo
as luzes elétricas, esqueço de lembrar que te
esqueci. E na certeza que em algum
momento do hoje ou do amanhã
tu vais ouvir, peço.

Deixa eu

visitar você.

Desaprenda: medo



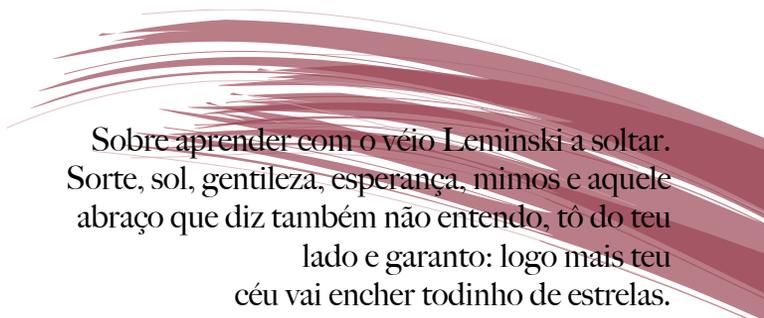
Toca aquele nosso Francisco Oceano.
E tudo amanhece, desarma, desagua.
Faz-me falta, tento reconstruir as pontes
invisíveis que nos unem. Falho, desisto,
recomeço. Quero tanto, quero tanto você.
"Amor é sede depois de se ter bem bebido"
escreveu Guimarães, o Rosa.
Na minha *bele,* amor.

De algum jeito, vá
agora até o teu amor.

Vamos nos conceder privilégios. Vamos falar
de galáxias, cicatrizes, o que te deixa acordado
de madrugada, o motivo da tua gargalhada,
como foi sentir o coração enlouquecer e tomar
conta do corpo todo na primeira vez que teu
filho sorriu, como é

estranho ser

humano, pra onde vão as palavras que a gente
não diz, o gosto de mar que tem a tua boca,
qual será a idade do céu. Vamos nos
transformar na nossa festa, amor.

A decorative graphic consisting of several overlapping, horizontal brushstrokes in a dark red color, located at the top of the right page.

Sobre aprender com o véio Leminski a soltar.
Sorte, sol, gentileza, esperança, mimos e aquele
abraço que diz também não entendo, tô do teu
lado e garanto: logo mais teu
céu vai encher todinho de estrelas.

confia

"Não vamos fuçar nossos" canta Caetano, o azulejo do boteco e a chuva recém chegada do Uruguai. "Teu corpo combina com meu jeito, nós dois fomos feitos muito pra nós dois" desafino eu no telefone, o azulejo do boteco e o caderno em que escrevo palavras não ditas. "Deixa o ciúme chegar, deixa o ciúme passar. E sigamos juntos" joga no vento aquele meu sorriso vagabundo, o azulejo do boteco e a mensagem que quase te mandei.
Vou mandar.



Convida alguém pra
olhar o céu contigo.

Deixa eu te amar bonito, te amar errado, te
amar confusa, te amar sem calma, te amar em
voz alta, te amar na quarta-feira de noite,
cansada, sozinha, na fila do cinema, sem aviso
prévio ou tempo pra entender, deixa eu te
amar sem jogo, sem fingir que não quero,

deixa

eu te amar sem plano de fuga, sem mapa, deixa
eu te amar de um jeito bobo, te amar enquanto
amanhece, te amar quando tu
estiver exausto, com medo, sem chão, deixa eu
te amar com dessassosego, te amar com
declarações étlicas na madrugada,
entre risos e mais vinho, deixa eu te amar com
alegria, te amar quando ouço sampha, te amar
quando não assumo que preciso de ajuda,
deixa eu te amar do avesso, te amar nas
entrelinhas, te amar agora, aqui. Deixa.

Chama alguém pra ocupar
aquela janela com vista
pro mar. Ai no teu coração.

Não sou o tipo que volta, recolhe os cacos, baixa a voz. Mesmo assim, volveria no instante.

~~Aquele.~~ Em que mergulhei dentro do teu olho e soube: já morei ali. Fosse possível antever o agora, não tinha disfarçado aquela quentura-lava borbulhando no meu peito, ou o lume das luzes que acendeste em mim ao sorrir. Tivesse tido a chance de ver as horas do hoje, haveria de ter falado sobre a vontade súbita de te beijar bem devagar. Houvesse um aviso neon avisando, irias embora com bilhetes meus nos bolsos. E meu abraço te diria: vem comigo, no caminho eu te explico. Se tu tivesse escutado meu coração, eu teria atravessado aquela ponte. Saberias que gente pode virar céu estrelado. E que tua casa é dentro de mim,

com
vista
pro mar.

A água não pode ferver. Sei. Mesmo assim, deixo no fogo alto. Que aprecio ebulições e transbordamentos. Chá pronto, entardece, as primeiras estrelas alumiam, lembro da hora exata em que meus olhos pousaram nos teus. Fito Paéz começa a cantar na vitrolinha do meu peito. "Te vi, saliste entre la gente a saludar. Los astros se rieron otra vez, la llave de mandala se quebró.."

Sussurro

em falsete, percebo que decorei a geografia do teu rosto, traduzo o espanhol em um áudio bobo, volto a olhar o céu. E "espero com a força do pensamento, recriar a luz que me trará você."

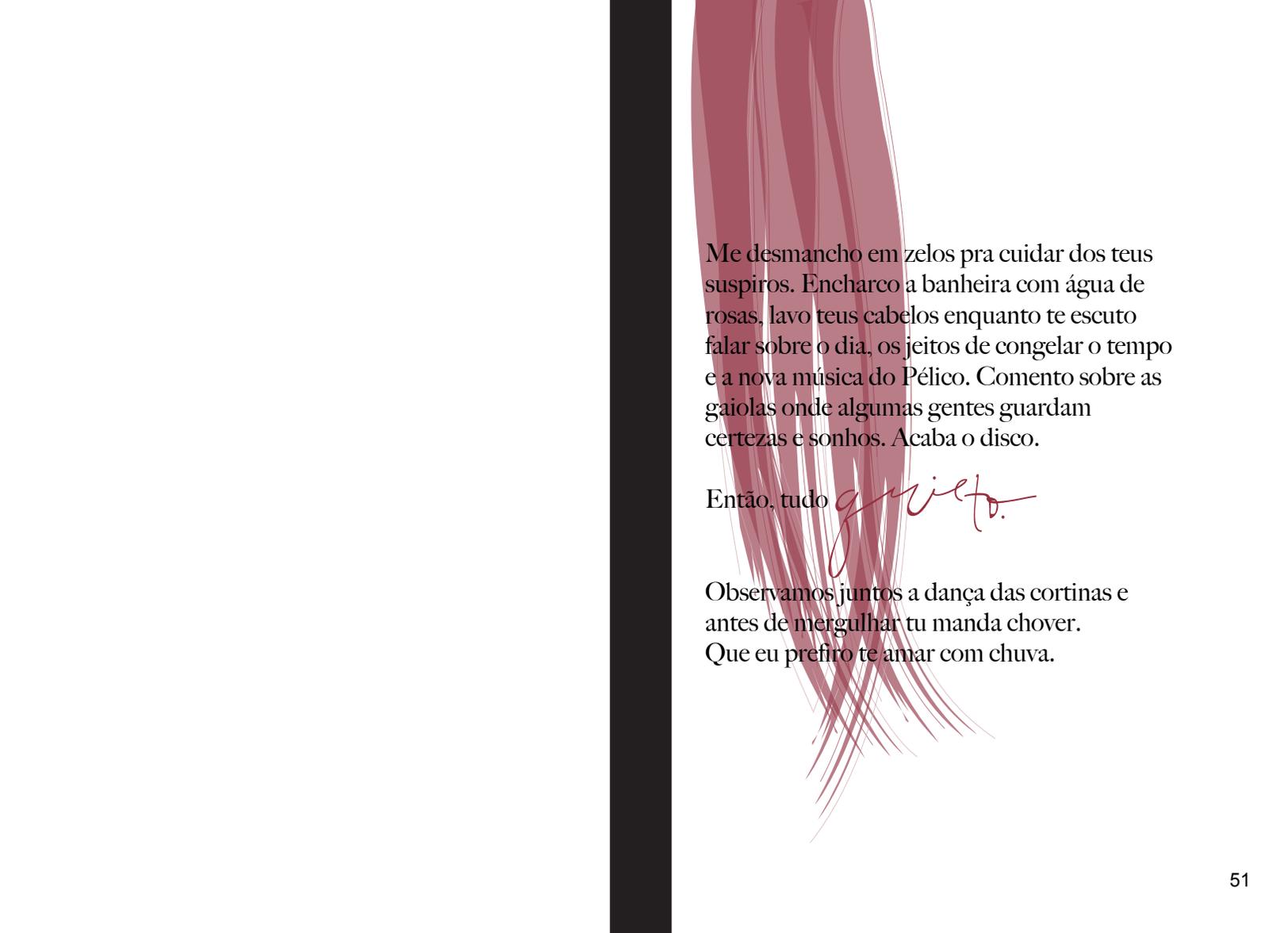
Tu quer ter
razão ou ser feliz?

Gosto mesmo é de encher livros com silêncio. E te ouvir falar em voz baixa diante do mar. Em duas batidas de coração, acertamos o ritmo. Estamos sós. Somos nós. Até que chove. E através de cartas coloridas, o futuro manda avisar que talvez não seja bem assim. Pode existir um

gargalho.

Ah é? Gargalho. O problema não é quem vai autorizar nosso não ir frente.

É quem vai ter coragem de me impedir de seguir em ti.



Me desmancho em zelos pra cuidar dos teus
suspiros. Encharco a banheira com água de
rosas, lavo teus cabelos enquanto te escuto
falar sobre o dia, os jeitos de congelar o tempo
e a nova música do Pélico. Comento sobre as
gaiolas onde algumas gentes guardam
certezas e sonhos. Acaba o disco.

Então, tudo *quieto.*

Observamos juntos a dança das cortinas e
antes de mergulhar tu manda chover.
Que eu prefiro te amar com chuva.

A madrugada é dos que morrem de amor.
Choram nos botecos do centro.
Anotam coisas em guardanapos de papel.
Enviam áudios cantando Chico.
~~Porque "amanhããã vai ser outro diaaaa".~~
A madrugada é de gente-estrela.
Que explode e

Teima

em continuar vivendo.
A madrugada é de quem dança de olho fechado.
Acha bonito neon.
Sabe carregar um coração nas mãos. Sem cair.
A madrugada é minha, amor.
De vez em quando, posso te deixar entrar.
Então, me dá motivo.
E vem aqui e pega na minha mão.

Enquanto chove, listo minhas propriedades.
Uma fogueira feita com vodka.
O entardecer naquele balanço na beira do rio.
A av. Paulista amanhecendo em um domingo de
verão. Uns livros. A praia do Arpoador vazia, no
inverno. Uma mala cheia de cartas de amor.
17 cadernos preenchidos com palavras. Um jeito
de suspirar em falsete. Algumas (poucas e
imensas) esperanças. Um violão guardado e
aquela flor. Uns vestidos bordados com
lantejoulas. E aquela

certeza louca
de que te amei.

Tuas verdades aparecem em detalhes.
No meu ouvido, Nei Lisboa fala
"sempre que já nem me lembro, lembrás pra
mim". Nestes momentos, encontro dentro de
mim fotos antigas, pedacinhos de
rolhas de vinho, bilhetes sem assinatura e
olhos que outrora foram firmes, faróis.

Guardo tudo.

Começa a tocar "stand by me" em
uma versão que sei, não conheces e tem gaitas
de boca e senhoras cantando e aceito a
contradança do cavalheiro de camiseta azul.
Chove sem parar, canto "parabéns, saúde,
felicidade" para meu pai ao telefone.
Os cacos compuseram um mosaico tão bonito.
Me reconheço neles.
Sorrio muito, apesar de.
E "and the moon is the only light we'll see." 

(Não desiste e me escreve.
Quero responder.)

agora?

quase te liguei. pra contar uma história que começa com aquela frase que a Karina Buhr cantou e nunca mais esqueci e de vez em quando repito, repito "Tristeza é amiga da onça. Ensina a enfrentar leões". Desisti. Em parte porque não teu tenho telefone, em parte porque não saberia o que dizer ao te ouvir falar "alô" ou o equivalente na língua que falas nessa terra sem mar. "tu serás aquele que sonha e não quer saber se é verdade ou não. serás aquele que ama e não quer saber se é certo" diz na minha cabeça aquela velhinha chamada Mia Couto. então escrevo. um livro inteiro. só pra dizer: quase te liguei. mas desisti.

importante:

1. Todos os direitos são gentilmente reservados. No entanto, desde que a autoria se mantenha - o que é coisa educada e amorosa - fazemos gosto que tu espalhe pela mesa, leia em voz alta, dê de presente pra alguém.
2. Tudo que está entre aspas é trecho de música.
3. As frases que estão ao lado de cada texto foram uma ideia da Lilian Lima. “Porque livro de amor tem que nos convidar a escrever também” Lilian é também revisora deste livro.
4. Cris Lisbôa está no @acrislis
Silvia Strass está no @silviastrass

#leiamaismulheres

Este é o primeiro exemplar do projeto-carinho #leiamaismulheres, que pretende amplificar a voz escrita de mulheres de todo Brasil. Uma parceria entre @modices, um dos veículos digitais pioneiros na produção de moda original e poder feminismo e @agogowriters, escola itinerante e livre que desde 2013 repensa escrita, produção de conteúdo, diálogo e coexistência.